

O ATO DE LER E A MEDIAÇÃO DA LEITURA CONSCIENTES: PERSPECTIVAS FUNDAMENTADAS NAS DIMENSÕES DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

THE ACT OF READ AND THE MEDIATION OF CONSCIOUS READING: PERSPECTIVES BASED ON THE DIMENSIONS OF INFORMATION MEDIATION

Pamela Oliveira Assis^a

Raquel do Rosário Santos^b

RESUMO

Objetivo: Evidenciar a inter-relação entre o ato de ler e a mediação consciente da leitura, fundamentadas nas dimensões da mediação da informação. **Metodologia:** Caracteriza-se como uma revisão de literatura com abordagem qualitativa, articulando-se os aspectos teóricos, conceituais e analíticos que subsidiaram o estudo. **Resultados:** Percebe-se que analisar o ato de ler e a mediação da leitura com base nas dimensões da mediação da informação, auxilia no processo de alcance de uma perspectiva consciente e humanizadora por parte dos sujeitos, além de ampliar as percepções de estudo dessas ações no campo da Ciência da Informação, favorecendo reflexões que apoiam a formação e o desenvolvimento de uma postura protagonista dos leitores e mediadores da leitura. **Conclusões:** Compreende-se que as dimensões da mediação da informação podem favorecer ações reflexivas e conscientes da leitura e da mediação da leitura, contribuindo, inclusive, para que mediadores tenham uma atuação ética e formativa em relação às interferências realizadas na vida dos sujeitos.

Descritores: Leitura. Mediação da leitura. Dimensões da mediação da informação.

1 INTRODUÇÃO

A mediação está presente em diversas áreas do conhecimento: Comunicação, Direito, Psicologia e Ciência da Informação, cada uma com os próprios objetivos e perspectivas sobre o tema. No que tange à Ciência da

^a Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: pamela.oliveira@outlook.com.

^b Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: quelrosario@gmail.com.

Informação, é possível perceber traços da mediação, no agir dos profissionais da informação, que têm como propósito organizar, tratar, preservar e disseminar a informação, independentemente do formato ou do suporte utilizado para isso. Diante disso, compreende-se que o mediador atua em favor do “encontro” entre a informação e o leitor, contribuindo com o processo de apropriação e ressignificação dos sujeitos e do meio de que eles fazem parte.

No que tange a mediação da informação, segundo a percepção de Almeida Júnior (2015), pode-se compreender a necessidade de se considerar as singularidades dos sujeitos, bem como os aspectos plurais que constituem a comunidade da qual eles fazem parte, portanto, visa atender à individualidade que existe na diversidade. Nessa conjuntura, entende-se que o sujeito informacional está em constante processo de interpretar os dispositivos informacionais e o meio que o cerca. Para que seja possível acessar a informação, usá-la e se apropriar dela, é fundamental a realização da leitura, que envolve um processo de interpretação consciente dos diversos dispositivos informacionais, meios e práticas socioculturais que são apresentados e realizados pelos sujeitos.

Quanto à leitura, pode ser entendida como um ato político, cultural e afetivo, que aproxima e apoia os sujeitos por meio de palavras, gestos, ambientes e ações. E como tal, não se limita a decodificar signos linguísticos, pois precisa das experiências e conhecimentos dos sujeitos para que seja possível atribuir sentidos e significados. Através da leitura, mediadores incentivam os sujeitos a assumirem uma postura e um lugar de protagonistas sociais, que age, constrói e interfere, ressignificando suas ações e atuações no meio social do qual fazem parte e transformando o próprio contexto social.

Portanto, mediar a leitura é uma ação que vai além de uma contação de histórias, como comumente se pensa. Contar histórias é uma das atividades de mediação da leitura, mas a ação, em si, pode ser compreendida como um envolvimento entre o mediador e o leitor, em que ambos são enredados pela leitura que lhes pode proporcionar um olhar ressignificado para o contexto sociocultural.

Esse comportamento do mediador facilita a conquista e estimula no

sujeito o gosto pela leitura, uma vez que ele vai encontrar naquele mediador um modelo a ser seguido. Assim, é preciso refletir sobre a leitura e a mediação dessa ação, fundamentadas nas dimensões da mediação da informação, visando alcançar as cinco dimensões propostas por Gomes (2014; 2016; 2020), a saber: a dialógica, a estética, a formativa, a ética e a política.

Este artigo é resultado parcial da dissertação intitulada *Biblioterapia: entrelaces da mediação da informação com a mediação da leitura*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, sendo o objetivo desta comunicação evidenciar a inter-relação entre o ato de ler e a mediação consciente da leitura, fundamentada nas dimensões da mediação da informação. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura com abordagem qualitativa articulando-se aspectos teóricos, conceituais e analíticos que subsidiaram o estudo.

O estudo foi fundamentado nos pressupostos teóricos de Gomes (2014; 2016; 2020) a respeito da mediação da informação e suas dimensões; de Martins (1988) e de Petit ([2009]), que tratam do conceito e dos níveis de leitura; e nos conceitos de mediação da leitura defendidos por Bortolin (2010) e Cavalcante (2015).

2 CONCEPÇÕES CONCEITUAIS SOBRE O ATO DE LER

Para produzir novos conhecimentos, é essencial que o sujeito realize um processo consciente de leitura, portanto, compreende-se que para o sujeito se apropriar da informação, é necessário que exista o ato da leitura de forma eficiente e crítica. Nessa conjuntura, faz-se necessário que a leitura não seja uma ação que se impõe, mas se apresenta aos sujeitos, por meio das palavras, dos gestos e das diversas expressões que ele coleciona ao longo da vida. Assim, com base nessa reflexão, a leitura pode ser entendida como uma ação que pode ser mediada possibilitando que o sujeito se aproprie das diversas narrativas que ressignificam sua atuação durante a vida.

Para alcançar esse entendimento, recorre-se ao conceito de leitura defendido por Martins (1988, p. 30, grifo da autora), para quem essa ação é “[...] *um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não*

importando por meio de que linguagem.” Com base na reflexão da autora, pode-se inferir que a leitura, em um sentido amplo, não se restringe às narrativas textuais, pois abrange outras formas de expressão, por meio das quais o sujeito pode ampliar suas perspectivas e adquirir novos conhecimentos e experiências. A autora emprega a palavra “compreensão” para indicar que a leitura não se limita à decodificação, porquanto também visa a apropriação das narrativas compartilhadas entre os sujeitos.

Para Petit ([2009], p. 11), “A leitura é uma arte que se transmite, mais do que se ensina [...]”. A visão da autora traz para essa ação um caráter de experiência, que faz rememorar os primeiros mediadores e leituras que os sujeitos podem ter em suas vidas, como, por exemplo, a família e as histórias para dormir, um ato que pode ser inconsciente, mas que pode influenciar o sujeito a desenvolver o prazer pela leitura.

Perrotti (1999) formulou outro conceito de leitura com base em Paulo Freire, a entendendo como um ato que implica exercitar a possibilidade humana de articular o agir ao pensar, ao definir, ao escolher. Compreende-se que a leitura crítica provoca uma consciência nos sujeitos quanto à sua existência e suas ações, e ele passa do agir mecânico e manipulado para uma ação reflexiva diante do mundo, vislumbrando as escolhas e reconhecendo e problematizando sua ação e a de outros sujeitos como um ato político que pode ser ressignificado. Portanto, aproximando os conceitos apresentados por Martins (1988), Petit ([2009]) e Perrotti (1999), pode-se dizer que a leitura vai além do que se pode apresentar em seu formato verbal, abarcando assim, interpretações de expressões socioculturais que cercam o sujeito, o que engloba formatos não-verbais. Essa ação demanda experienciar um conjunto de meios, formatos e tecnologias em que se dispõem os signos, as representações e as ações de si, do outro ou do meio. Assim, a leitura, como defendido pelos autores, é um ato reflexivo que requer uma imersão nas práticas e no meio social, em que as diversas expressões possam ser compartilhadas e experienciadas.

A leitura amplia as perspectivas através das experiências que propicia, seja em grupo ou individualmente, e concede ao sujeito autonomia para pensar, reagir e assumir uma postura crítica e de responsabilidade social (MARTINS,

1988). Por isso, ao apresentar possibilidades, a leitura pode (trans)formar o leitor em um sujeito atuante, capaz de modificar a si e ao outro.

É importante frisar que, para uma leitura ser proficiente e provocar essa ressignificação no sujeito, é necessário que existam condições propícias a isso. Não se trata apenas do ambiente em que essa ação é realizada, mas o contexto externo e interno – relativo ao sujeito – em que ela acontece (MARTINS, 1988). Essas condições impactam a forma como a leitura será interpretada, seja qual for a narrativa, modificando os resultados dessa ação. De acordo com Martins (1988, p. 33),

A dinâmica do processo é pois de tal ordem que considerar a leitura apenas como resultado da interação texto-leitor seria reduzi-la consideravelmente, a ponto de se arriscar equívoco como pensar que um mesmo leitor lendo um mesmo texto, não importa quantas vezes, sempre realizaria uma mesma leitura.

Ao mediar a leitura, é preciso ter uma visão ampla do contexto em que essa ação se dá e como o sujeito reage a ela, e a depender dessas variáveis, é possível que um mesmo texto que antes não fazia sentido para esse sujeito o emocione da próxima vez em que for lido, fazendo-o se reconhecer sob outra perspectiva através daquela leitura.

Considerando o envolvimento do leitor no processo de leitura, das sensações e emoções que essa ação pode provocar, é provável que ele não identifique os diferentes níveis de leitura que atinge ao realizar a ação. E como as condições em que o sujeito lê influenciam sua interação com o texto, também podem afetar a experiência com esses níveis de leitura, que podem ser alcançados simultaneamente ou que um se destaque momentaneamente, a depender do contexto em que a leitura é realizada. Assim, de acordo com Martins (1988), é possível identificar três níveis de leitura: o sensorial, o emocional e o racional.

No que tange ao nível sensorial, compreende-se que pode ser identificado como o primeiro tipo de contato que se tem com a leitura, em que os sujeitos podem experimentar tocar, ouvir – no caso dos livros interativos – ver um jogo de cores e imagens que chamam à atenção e convidam ao toque. Deixar-se envolver pela experiência e pela emoção que a percepção sensorial provoca não descaracteriza ou desmerece o processo de leitura, pelo contrário, o prazer

despertado pelo contato físico com algum livro pode deixar registrada na memória do leitor a satisfação por aquela leitura, motivando-o a buscar outros exemplares que despertem a sensação inicial.

É importante registrar que nem todos os livros agradam os sentidos inicialmente, mas, se a leitura se inter-relacionar com as emoções do leitor, despertando-lhe sentimentos de alegria, curiosidade, tristeza (MARTINS, 1988), a aparência já não será tão importante, uma vez que o leitor entrará em outro nível de leitura, o emocional.

Assim como acontece com o primeiro nível - o sensorial - o nível emocional pode ser caracterizado por uma resposta comportamental e espontânea à experiência da leitura. Nesse nível, o leitor é envolvido pelas emoções e pelas memórias que o texto lhe provoca e se identifica com o personagem, com o local ou a situação descrita. Tal sentimento acaba por envolvê-lo na história sem que seja necessário racionalizar o porquê naquele momento. É possível destacar, ainda, a possibilidade do sujeito “vulnerável” (MARTINS, 1988), que está entregue à leitura e disposto a sentir e a viver aquele texto. Por essa razão, a autora refere que esse nível exige disponibilidade do leitor para se desprender de crenças ou preconceitos e se propor a conhecer e a entender a realidade que o texto lhe apresenta.

Como se trata de uma leitura em que os sujeitos estão mais “vulneráveis” e têm como motivação inicial uma possível distração e lazer, podem existir questionamentos sobre a validade dessa leitura, como acontece com a sensorial. As pessoas sentem necessidade de explicar o motivo de estarem lendo aquele livro e de se identificarem ou se emocionarem. Há uma cobrança para racionalizar a leitura e justificar as preferências particulares (MARTINS, 1988). O fato de o sujeito deixar-se envolver pela leitura de um livro, um filme ou uma novela não descaracteriza a importância daquele ato e o significado que ele poderá adquirir. Talvez seja na leveza desse processo que o sujeito pode compreender emoções que antes não saberia explicar.

Apesar de esse tipo de leitura servir como “válvula de escape”, ela pode ter outras funções, além de refúgio da realidade (MARTINS, 1988). A leitura emocional pode contribuir para que se possa compreender os sentimentos e o

reencontro consigo mesmo, trazendo lembranças da infância e da adolescência, e servir de reflexão para situações cotidianas e para solucionar problemas. E mesmo que se esteja desfrutando de uma leitura despreziosa, refletir e fazer questionamentos pode ser importante para a experiência e a convivência social. E, a partir dessa leitura crítica, o sujeito alcança o próximo nível, o racional.

Tratar da leitura no nível racional é reportar-se a uma leitura que comumente é entendida como a maneira “correta” de se ler, de se apreciar a linguagem escrita e traz um status de intelectualidade (MARTINS, 1988). A leitura, nesse caso, é vista como algo que deve ser “levado a sério”, por isso não deveria existir um envolvimento pessoal ou relação com as próprias experiências quando se lê. Porém, ao compreender os detalhes que a caracterizam, a leitura racional deve ser entendida como a que mais exige envolvimento pessoal, uma vez que, através dela, o leitor recorre à própria experiência para dar sentido ao que lê e estabelece um diálogo com o texto e o contexto.

[...] a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, dar sentido ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais. E ela não é importante por ser racional, mas por aquilo que o seu processo permite alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social. (MARTINS, 1988, p. 66).

Assim, ao realizar essa leitura, o sujeito exercita um olhar crítico, consciente e problematizador, visto que, ao estar atento ao processo da criação de um texto, pode apreender as particularidades que o diferenciam dos demais que chamam à atenção e podem marcar a escrita de determinado autor. Cada texto tem uma particularidade que oferece ao leitor subsídios para confrontar uma leitura com a outra. Nesse sentido, ampliam-se as exigências do sujeito, e isso pode instigá-lo a se aventurar em diferentes gêneros, a fim de adquirir novas experiências (MARTINS, 1988).

É possível ratificar a ocorrência de uma simultaneidade entre os níveis de leitura, porque, mesmo ao analisar criticamente uma narrativa, com o objetivo de dar sentido ao que é lido, o leitor usará conhecimentos anteriores e a experiência de outras leituras e sentimentos despertados pela expressão verbal ou não

verbal de um autor, evidenciando não uma hierarquização entre os níveis, mas um complemento, uma inter-relação entre razão e emoção, conforme expõe Martins (1988).

Os conceitos e os níveis aqui apresentados indicam que a leitura tem características marcantes que dão sentido à ação. A emoção, a identificação e os questionamentos fazem parte do processo e colaboram para a formação crítica e autônoma do leitor e ressignificam esse sujeito durante a ação.

Ressalta-se, todavia, que, para o leitor ter essa experiência de transitar entre emoções, pensamentos, questionamentos, fazer novas descobertas e vivenciar as possibilidades que perpassam os níveis e os processos de leitura, é necessário que essa seja vista como um processo prazeroso e leve, capaz de entreter e despertar transformações. Assim, é necessário que o mediador tenha um agir sensível e comprometido para entender às diferentes necessidades que os sujeitos, como atores sociais que pertencem a diferentes contextos, apresentam. É preciso que o mediador compreenda as diferentes necessidades e os anseios sociais do sujeito, de modo a apoiá-lo na compreensão sobre a importância do acesso e da apropriação de novas informações, que subsidiarão o alcance de suas atividades e, portanto, dos seus objetivos. Entretanto, o desenvolvimento de novos conhecimentos só será possível por meio da leitura proficiente da informação e seus dispositivos. Desse modo, o leitor poderá interpretar o mundo que o cerca e vislumbrar a possibilidade de alcançar um agir protagonista.

3 A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO COMO FUNDAMENTO PARA O ATO DE LER E A MEDIAÇÃO DA LEITURA

Para compreender a mediação da informação como fundamento para a leitura e a mediação dessa ação, é preciso refletir sobre os conceitos e as características da mediação da leitura. Nessa reflexão, como um ato consciente, político e problematizador, evidencia-se o papel social do mediador na realização dessa ação e o apoio à formação de sujeitos leitores protagonistas sociais. Sousa, Santos e Jesus (2020, p. 18), ao refletir sobre a mediação da leitura, realizaram uma aproximação dessa ação com o conceito de mediação da

informação defendido por Almeida Júnior (2015). Nesse sentido, para as autoras, a mediação da leitura é uma

[...] ação realizada conscientemente por um profissional da educação, da informação e/ou da cultura, de maneira individual ou coletiva, que propicie uma leitura singular ou plural na ambiência dos dispositivos informacionais, sociais e culturais, na perspectiva de possibilitar a apropriação da informação. (SOUSA; SANTOS; JESUS, 2020, p. 18).

A partir da reflexão apresentada pelas autoras, pode-se inferir que, quando a leitura é mediada de maneira consciente, poderá favorecer uma construção tanto singular quanto plural de encontros entre os sujeitos e os dispositivos, potencializando o alcance da apropriação da informação que poderá subsidiar o protagonismo social. Dessa maneira, o mediador e o leitor realizarão leituras de si, do outro e do meio, considerando sua atuação ativa de modo a contribuir para ressignificar os dispositivos culturais e sociais. Assim como as autoras destacam, a leitura e a mediação ocorrem nas instâncias informacionais, sociais e culturais, em que se devem considerar os diversos dispositivos e as dinâmicas de mediação da leitura.

Na perspectiva de Bortolin (2010), a mediação da leitura é abordada a partir do texto literário. A autora compreende a “[...] mediação de leitura literária como a interferência casual ou planejada visando levar o leitor a ler literatura em diferentes suportes e linguagens” (BORTOLIN, 2010, p. 115). Ao tratar da mediação da leitura sob a ótica da literatura, o mediador pode proporcionar ao leitor o encontro consigo mesmo e com o outro, despertar sentimentos sem deixar de apresentar novas visões do meio, uma vez que, para a autora, a literatura é a “[...] possibilidade de conhecimento, percepção de sociedade em diferentes épocas, mas também como objeto de prazer e entretenimento do leitor” (BORTOLIN, 2010, p. 107).

Ainda em consonância com os estudos da autora, ela acrescenta outra característica ao abordar a mediação da leitura literária - a oralidade. De acordo com Bortolin e colaboradores (2015), a oralidade é entendida como “[...] toda comunicação em que o indivíduo utiliza o seu suporte vocal e corporal, sendo no exercício diário de uma profissão, como advogado, professor, jornalista, profissional da informação ou numa manifestação oral não planejada.”

(BORTOLIN *et al.*, 2015, p. 4).

Nesse sentido, ao agregar a oralidade na perspectiva da mediação da leitura literária, Bortolin (2010) entende que tal característica é essencial para o desenvolvimento da ação, visto que, através dela, é possível envolver os leitores nas emoções e nas lembranças proporcionadas pelo compartilhamento da leitura durante a mediação. Existem dois tipos de oralidade: a “[...] *ancestral* que é o ato humano de expressar ideias e sentimentos com *voz viva*, e a transmissão oral mediada por uma tecnologia, sendo ela simples ou sofisticada” (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 178, grifo dos autores).

Ao entender a profundidade, a importância e as possibilidades que a oralidade agrega à mediação da leitura, porquanto ela ajuda a construir uma ambiência para a ação, que envolve o leitor e o mediador por meio dos elementos que a compõem, a saber: “[...] voz, corpo, movimento, respiração, ruído, som, cheiro, gesto, olhar, sussurro, pausa e silêncio” (BORTOLIN, 2010, p. 21). A autora dedicou-se às pesquisas acerca da oralidade e elaborou um conceito para definir a ambiência que a oralidade e seus elementos agregam à mediação da leitura, chamando-a de *oralisfera*. Segundo Bortolin (2010), a *oralisfera* surgiu por meio da soma das palavras *oralis*, que significa boca, e *sfera*, que pode ser definida como camada, espaço, envoltório ou ambiente. Assim, compreende-se a *oralisfera* como a “[...] existência de uma atmosfera envolvendo o ato da oralidade” (BORTOLIN, 2010, p. 21).

Para Bortolin (2010), a mediação da leitura requer afeto e envolvimento, visto que, ao utilizar, durante a ação, os elementos da oralidade, o mediador conquista a confiança dos leitores, aprende com eles novas perspectivas e impulsiona a ressignificação do sujeito para que ele também transforme seu meio. Desse modo, a *oralisfera* traz segurança para o leitor se expressar e sentir as emoções provocadas pela literatura, portanto, trata-se da construção propícia para a interação por meio da leitura.

Bortolin (2010) apresenta um novo entendimento do que seria a mediação da leitura que abrange ambas as características que ela defende. Portanto a mediação oral da literatura é “[...] toda intervenção espontânea ou planejada de um mediador de leitura visando a aproximar o leitor-ouvinte de textos literários

seja por meio da *voz viva* ou da *voz mediatizada*” (BORTOLIN, 2010, p. 137, grifo da autora). Ao tratar da mediação oral da literatura, a autora incluiu ambas as possibilidades de oralidade, viva ou mediatizada, porquanto a mediação da leitura deve ser um processo contínuo de adaptação ao perfil e às necessidades de cada leitor, considerando as diversas tecnologias nesse processo.

É possível compreender a postura ética e a responsabilidade social que o mediador assume com o leitor, atuando de maneira consciente, evitando censura, inibição e/ou constrangimentos entre os sujeitos, de forma que as diferenças possam ser identificadas e respeitadas. Assim, o processo de mediação da leitura buscará o acolhimento, apoiando a conquista e a contribuição coletiva.

Seguindo com uma lógica semelhante à de Bortolin (2010), no que tange às características compreendidas na mediação da leitura - a oralidade e os textos literários - Cavalcante (2015, p. 120) entende que a

[...] a mediação da leitura é jogo de encantamento. Os jogadores são seus protagonistas que se desdobram para mantê-la em evidência, viva e pulsante. Nesse jogo, há a sedução da palavra elaborada, rebuscada, pensada, teatralizada, que a deixa mais aguçada.

Ao apresentar a mediação como um jogo de encantamento, a autora reafirma o pensamento defendido por Petit (2008, p. 195) de que, “Para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor.” Dessa maneira, é necessário que exista afeto pela leitura e seus dispositivos, visto que é por meio desse afeto que as palavras “seduzem”, e a oralidade e os gestos corporais que a acompanham tornam-se mais espontâneos e envolventes e dão “vida” à leitura.

Ao tratar dos “jogadores”, neste caso, o mediador e o leitor, como protagonistas, Cavalcante (2015) assevera que a mediação da leitura é “jogada” por ambos, é uma experiência, uma troca na qual cada um agrega à ação as próprias vivências e expectativas. Assim, se os sujeitos forem tocados por uma mediação da leitura eficiente, além de contribuir com as próprias experiências, eles também somarão as vivências dos demais, de maneira ressignificada, à sua própria história.

Há que se ressaltar que, à medida que a literatura ressignifica, ela conforta

e confronta. Através dela, o sujeito pode experimentar e visualizar suas fragilidades nos personagens, para que ele entenda o processo pelo qual passa sob outra perspectiva. Para que ocorra essa identificação, é preciso que o sujeito se aproprie da leitura, que questione e confronte as ideias e a leitura, com seus conhecimentos anteriores, e assume uma postura ativa, o que, mais uma vez, relembra o sujeito protagonista.

Ao tratar da mediação da leitura na perspectiva da oralidade, Bortolin (2010) e Cavalcante (2015) ressaltam também a importância do processo dialógico e da interação durante a ação. Além da comunicação que se estabelece entre leitor e autor, no processo de leitura silenciosa, essa interação também é acionada de maneira coletiva, em que o espaço de voz e o espaço de escuta são igualmente importantes. Na mediação da leitura, leitores e mediadores interagem, agem e se comunicam das diversas formas, por meio da voz, do gesto e da atenção – o cuidado com a escuta sensível – favorecendo um processo de crescimento e (re)conhecimento de modo coletivo.

No âmbito da mediação da leitura, o processo dialógico está presente na ação, para planejar como a mediação será realizada - ao reconhecer as expectativas e as necessidades dos leitores – e evidenciar o encontro do leitor com o autor, por meio do texto, ou na ação mediadora em que os sujeitos se comunicam e interagem. De acordo com Gomes (2014), o processo dialógico é um sustentáculo da mediação da informação. E como se pôde observar ao longo da discussão tecida até aqui, parte fundamental para que o sujeito possa desenvolver seu perfil de protagonista social.

Nessa perspectiva, é necessário que os mediadores da leitura reflitam com base nas dimensões da mediação da informação. Se esses agentes da leitura tomarem como base os princípios da mediação da informação, compreendendo os aspectos que envolvem a leitura, poderão alcançar uma atuação de protagonistas sociais. Assim, é preciso refletir sobre a mediação da leitura sob a perspectiva das cinco dimensões da mediação da informação propostas por Gomes (2014; 2016; 2020): a dialógica, a estética, a formativa, a ética e a política.

No que tange à dimensão dialógica da mediação da informação, nota-se

que está presente em toda ação. E uma vez que a ação mediadora alcança essa dimensão, o mediador e o leitor podem criar e fortalecer laços e compartilham suas ideias. É o encontro e o confronto das diferentes percepções da vida que cada sujeito carrega consigo. Seguindo a reflexão de Gomes (2014), além da interlocução intersubjetiva exemplificada, caso a ação mediadora alcance efetivamente a dimensão dialógica da mediação da informação, ela também pode proporcionar aos sujeitos uma interlocução intrassubjetiva, a qual pode ser percebida quando o leitor se identifica com as atividades e as leituras realizadas na ação. Feito esse reconhecimento, o leitor poderá associar os temas da ação a aspectos de sua vivência e a outras leituras que fez. O alcance desses dois tipos de interlocução, durante a mediação da leitura, caracteriza que o leitor poderá adentrar um processo de autoconhecimento e reflexão de sua perspectiva do mundo e do seu papel no ambiente social do qual faz parte.

Compreende-se que, para a ação mediadora alcançar a dimensão dialógica da mediação da informação e, conseqüentemente, as interlocuções que fazem parte dela, é necessário que seja construída uma relação de confiança, segurança e liberdade entre o mediador e os leitores. Sobre a dimensão estética, Gomes (2014) ressalta essa relação que começa a ser estabelecida na dimensão anterior. Desse modo, compreende-se que quando a mediação da informação alcança a dimensão estética, essa proporciona aos sujeitos a construção de uma ambiência de liberdade e conforto emocional na qual sintam-se parte da ação mediadora e possam criar e interferir durante as atividades junto com o mediador, isso proporciona uma sensação de prazer por estar compartilhando aquele momento, fazendo parte do processo de criação, em que ele próprio se recria, portanto, transforma-se (GOMES, 2020).

Tendo em vista as reflexões de Gomes (2014; 2020) acerca da dimensão estética da mediação da informação e dos momentos de contentamento compartilhados por leitor e mediador, uma vez que tal dimensão é alcançada durante a ação mediadora, é possível inter-relacionar a dimensão estética da mediação da informação com o nível de leitura emocional. Martins (1988), ao tratar sobre o aspecto emocional da leitura, afirma que, nesse processo, o leitor está disposto a viver o texto e as emoções que são despertadas por ele. Essa

disponibilidade e “vulnerabilidade” tratadas por Martins (1988) também podem ser identificadas nos sujeitos quando eles alcançam a dimensão estética, porque, para isso, é necessário que os sujeitos estejam confortáveis e sintam-se acolhidos não só pelo mediador, mas também pelo espaço em que a ação será realizada, bem como com as atividades propostas. Vale destacar que os dois últimos elementos citados, o espaço e as atividades, serão cada vez mais agradáveis se o mediador e os leitores alcançarem uma consciência da responsabilidade que têm em relação à constituição, ao desenvolvimento e à ressignificação desses dispositivos. Assim, tanto o mediador quanto o leitor são responsáveis pelo desenvolvimento de um sentimento de pertença no processo de mediação da leitura.

Ainda na perspectiva do alcance da dimensão estética da mediação da informação na mediação da leitura, é possível relacioná-la a outros sentimentos que o contato com a leitura provoca por meio das percepções sensoriais, tratadas por Martins (1988) na leitura sensorial. Nesse nível, a autora fala do prazer que a experiência sensorial pode provocar no sujeito. Por exemplo, um livro com texturas, sons e cores vibrantes chama à atenção e desperta no leitor uma resposta física (MARTINS, 1988), na qual ele não precisa justificar o porquê de ter gostado daquele dispositivo que, simplesmente lhe agradou os sentidos. Esses sentimentos despertados por meio dos sentidos podem ser percebidos ao trabalhar com a mediação da leitura na perspectiva da dimensão estética, porque, ao experimentar as percepções sensoriais e o emocional citado anteriormente, o leitor terá mais interesse e contentamento em participar da ação, será movido por esse sentidos e, logo, contribuirá para o desenvolvimento do sentimento de pertença dos sujeitos, na criação do laço de confiança no mediador, bem como favorecerá o processo dialógico.

Apesar das dimensões da mediação da informação apresentarem suas especificidades, é possível notar que existe uma inter-relação entre elas. Quando a ação mediadora avança para o alcance das próximas dimensões da mediação da informação – formativa, ética e política – o sujeito não deixa para trás os benefícios do que foi aprendido. Infere-se que pode existir o alcance de mais de uma dimensão durante a mediação da informação, visto que, a exemplo das

interlocuções, uma das características da dimensão dialógica, ainda se faz presente durante a ambiência confiável construída na dimensão estética. Portanto, ao tratar da dimensão formativa, é possível perceber traços das dimensões dialógica e estética, uma vez que o mediador e o leitor, ao experimentarem a sensação de pertença durante o processo dialógico e serem provocados a refletir criticamente sobre as leituras, estarão sendo conduzidos no processo formativo para ressignificarem seus conhecimentos.

No que concerne ao alcance da dimensão formativa da mediação da informação, no âmbito da mediação da leitura, é possível relacioná-la ao nível racional discutido por Martins (1988), no qual a autora aborda que, quando lê, o leitor recorre a sua experiência para dar sentido ao texto e é provocado a questionar, a refletir criticamente sobre a leitura. Pode-se pensar que, na contribuição que essa reflexão e inquietação provocam, elas também ressignificam os sujeitos e suas ações, incentivando o alcance de uma postura protagonista, em que os sujeitos buscam uma ação consciente que demanda a atribuição de significados e sentidos que a leitura e sua mediação carregam.

Dando prosseguimento à fundamentação da mediação da leitura a partir das dimensões da mediação da informação defendidas por Gomes (2014; 2016; 2020), percebe-se que entender e respeitar o outro com suas singularidades é um ato de cuidado que exige do mediador sensibilidade e empatia para ajudar o sujeito, por isso, como Gomes (2014) compreende que a mediação da informação é um ato de cuidado, pode-se inferir que a mediação da leitura também o seja. Dessa forma, nota-se a necessidade de um agir consciente durante a realização da ação mediadora de forma que alcance a dimensão ética, refletida por Gomes (2014), uma vez que o mediador ao conduzir a ação envolve, compartilha e expõe suas emoções e as dos sujeitos, já que, ao mesmo tempo em que ele colabora para a formação e o desenvolvimento dos leitores como protagonistas, ele também está lidando com sujeitos que têm seus medos, ansiedades, expectativas e aflições, mas que escolheu estar ali compartilhando as diversas sensações que a mediação da leitura pode proporcionar. Por isso, é fundamental que, durante todo o processo, o mediador tenha um agir ético e sensível sobre como impactará a vida do outro.

Tendo em vista que a mediação da leitura é um ato de cuidado que exige uma postura ética e sensível do mediador, evidencia-se novamente uma relação com o nível emocional, visto que, existe a entrega e a disponibilidade dos sujeitos para vivenciar os sentimentos despertados não só pela leitura, mas também por sua mediação. Somada ao nível emocional, percebe-se a importância do nível racional defendido por Martins (1988), porque, ao integrar a subjetividade das emoções à objetividade e à consciência do aspecto racional, os sujeitos poderão atuar de maneira equilibrada sendo afetuosos, humanizadores, prudentes, sistemáticos, ou seja, equilibrando os aspectos emocionais e racionais. Nesse sentido, o mediador deve adotar uma postura ética, humanizadora, pautada na emoção e na razão, de modo a vigiar as manipulações e fomentar leituras que conduzam a uma postura de alteridade por parte dos sujeitos.

Como dito, uma vez que a ação mediadora alcança a próxima dimensão da mediação da informação, o sujeito não deixa para trás as experiências e o amadurecimento que vem desenvolvendo ao longo das outras, tampouco o entendimento do seu lugar no mundo e a importância de sua fala. Ao considerar que as leituras e as atividades propostas pela mediação da leitura favorecem o leitor a se reconhecer como sujeito social que pode interferir e transformar a si e ao meio a que pertence, compreende-se que a ação mediadora atinge a última dimensão da mediação da informação discutida por Gomes (2016), a política. Ao discorrer sobre as dimensões da mediação da informação, a autora aponta que o objeto implícito da temática é o desenvolvimento do perfil de protagonista social do sujeito. Essa assertiva é confirmada na caracterização das dimensões e reforçada ao estabelecer a relação entre a mediação da leitura e as dimensões.

Durante toda a realização da mediação da leitura, existe um processo de amadurecimento do mediador e do leitor como sujeitos singulares e plurais e seu desenvolvimento como protagonistas, que usam o poder da voz para ocupar um espaço de sujeitos atuantes e que fazem a diferença. Por isso, é importante que a mediação da leitura seja trabalhada na perspectiva de se alcançar as dimensões da mediação da informação, para que exista a percepção simbólica do espaço que os sujeitos ocupam, e eles fortaleçam seus traços identitários, provocando o autoconhecimento, sua formação e seu desenvolvimento como

protagonistas que se conscientizam do papel que exercem nesse processo, resistem e lutam contra os obstáculos sociais. Ao escolher assumir esse lugar, tanto o leitor quanto o mediador passam a inspirar os demais sujeitos que fazem parte de suas vivências, multiplicando na sociedade as experiências e as transformações que a mediação e a leitura provocam.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, ao analisar o entrelace do ato de ler e da mediação da leitura com base nas dimensões da mediação da informação, nota-se o quanto a mediação da leitura pressupõe responsabilidade, ética e sensibilidade por favorecer que sejam avivadas emoções que poderiam estar “adormecidas” no sujeito. Com isso, compreende-se como fundamental que ao planejar e conduzir a mediação da leitura, que o mediador atue de modo a inter-relacionar as características que permeiam as mediações e a leitura, além disso, nota-se como essencial que o mediador tenha consciência da importância do seu papel social com os demais sujeitos. Assim, é relevante reconhecer a intencionalidade do mediador ao buscar contribuir com a mudança de perspectiva ou comportamento na vida do outro.

Com base nas reflexões apresentadas neste texto, defende-se que a mediação da leitura demanda o (re)conhecimento de si e do outro, das experiências e do conhecimento dos sujeitos envolvidos em um processo de leitura sensível do mundo em que o outro integra. Sendo necessário um ato sensível, humanizador e ético por parte do mediador da leitura que inclua os sujeitos em sua pluralidade, favorecendo o desenvolvimento do ato de ler e da mediação da leitura de forma prazerosa, crítica e simbólica.

Compreende-se que o mediador da leitura ao assumir uma postura dialógica, ética e formativa, que busque o prazer e o reconhecimento de se (trans)formar, poderá alcançar uma consciência quanto às suas interferências na vida do sujeito e no apoio da apropriação da informação para o protagonismo social. Assim, constata-se que as dimensões da mediação da informação poderão favorecer ações reflexivas e conscientes da leitura e da mediação da leitura.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.
- BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura**: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP), São Paulo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103349>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Oralidade e a ética na mediação da literatura. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 171-190, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/13902>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- BORTOLIN, Sueli; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman; SANTOS NETO, João Arlindo dos; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Oralidade, mediação da informação e da literatura na escola. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 16., 2015, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/3013/1047>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Mediação e narrativa na voz dos contadores de história. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 107-124.
- GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994/19090>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- GOMES, Henriette Ferreira. Comunicação e informação: relações dúbias, complexas e intrínsecas. *In*: MORIGI, Valdir; JACKS, Nilda; GOLIN, Cida. (org.). **Epistemologias, comunicação e informação**. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 91-107.
- GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1-23, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/153133>. Acesso em: 03 abr. 2022.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/30652716/O-que-e-Leitura-Maria-Helena-Martins>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PERROTTI, Edmir. Leitores, leitores e outros afins (apontamentos sobre a formação ao leitor). In: PRADO, Jason; Paulo Condini. (org.). **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 30-40.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, [2009]. Disponível em: <http://lelivros.love/book/download-a-arte-de-ler-ou-como-resistir-a-adversidade-michele-petit-em-epub-mobi-e-pdf/>. Acesso em: 22 maio 2021.

SOUSA, Ana Cláudia Medeiros de; SANTOS, Raquel do Rosário; JESUS, Ingrid Paixão de. Mediação da cultura, da informação e da leitura para o protagonismo social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1333/1226>. Acesso em: 10 fev. 2021.

THE ACT OF READ AND THE MEDIATION OF CONSCIOUS READING: PERSPECTIVES BASED ON THE DIMENSIONS OF INFORMATION MEDIATION

ABSTRACT

Objective: The purpose of this article is to highlight the interrelationship between the act of read and the conscious mediation of reading, based on the dimensions of information mediation. **Methodology:** It is characterized as a literature review with a qualitative approach, articulating the theoretical, conceptual and analytical aspects that supported the study. **Results:** It is noticed that analyzing the act of read and the mediation of reading from the dimensions of mediation of information, helps in the process of reaching a conscious and humanizing perspective on the part of the subjects, in addition to expanding the study perceptions of these actions. in the field of Information Science, favoring reflections that support the formation and development of a protagonist posture of readers and reading mediators. **Conclusions:** It is understood that the dimensions of mediation of information can favor reflective and conscious actions of reading and mediation of reading, even contributing so that mediators have an ethical and formative in relation of interference made in the lives of subjects.

Descriptors: Reading. Mediation of reading. Dimensions of information mediation.

EL ACTO DE LEER Y LA MEDIACIÓN DE LA LECTURA CONSCIENTE: PERSPECTIVAS A PARTIR DE LAS DIMENSIONES DE LA MEDIACIÓN DE LA INFORMACIÓN

RESUMEN

Objetivo: Evidenciar la interrelación del acto de leer y la mediación consciente de la lectura, fundamentada en las dimensiones de la mediación de información.

Metodología: Se caracteriza por ser una revisión de literatura con enfoque cualitativo, articulando los aspectos teóricos, conceptuales y analíticos que sustentaron el estudio.

Resultados: Se advierte que analizar el acto de leer y la mediación de la lectura a partir de las dimensiones de la mediación de la información, auxilia en el proceso de alcanzar una perspectiva consciente y humanizadora por parte de los sujetos, además de ampliar las percepciones de estudio sobre estas acciones en el campo de las Ciencias de la Información, favoreciendo reflexiones que apoyen la formación y desarrollo de una postura protagonista de lectores y mediadores de lectura. **Conclusiones:** Se entiende que las dimensiones de la mediación de la información pueden favorecer acciones reflexivas y conscientes de lectura y mediación lectora, incluso contribuyendo a que los mediadores tengan un papel ético y formativo en relación a las injerencias realizadas en la vida de los sujetos.

Descriptores: Lectura. Mediación de lectura. Dimensiones de la mediación de información.

Recibido em: 24.05.2021

Aceito em: 09.04.2022